

BOLETIM DE PESQUISA NELIC

Vº 9 - Nº 14

Em percurso

A revista *Senhor* e seus desdobramentos literário-culturais

Renata Gonçalves Gomes

O termo “senhor”, se visto pela perspectiva dos estudos pós-coloniais do século XX, pode ter dimensões diversas – principalmente se tratando de países colonizados curvando-se a uma cultura imperialista colonizadora. Assim, o modernismo contracultural que se rebelava nos países colonizadores mundo afora no fim da década de cinquenta, tomava força no Brasil que ensaiava – embalado pelo boom do choque cultural que atravessava e a efervescência cultural que apontava a mistura dessas influências – a idéia de nação e identidade nacional após séculos de submissão aos países imperialistas da Europa ocidental. Neste contexto político-social que o país atravessava, a revista *Senhor* chegava às bancas com a proposta de identificar o senhor brasileiro: aquele com o qual – pela primeira vez – o cidadão colonizado se identificaria com o colonizador, dono, senhor de status e de dinheiro. O campo fora substituído pelos grandes centros urbanos, na influência de um cosmopolitismo puro dos sangues azuis que os tornavam suscetíveis às impressões das cidades grandes:

Europe constructed itself as ‘modern’ and constructed the non-European as ‘traditional’, ‘static’, ‘prehistorical’. The imposition of European models of historical change became the tool by which these societies were denied any internal dynamic or capacity for development (ASHCROFT,

Bill. GRIFFITHS, Gareth. TIFFIN, Helen, 2007, p. 131).¹

Sendo assim, mesmo tendo essa imposição europeia com definições denegridoras para a inércia dos países colonizados, o Brasil na metade do século XX tinha propostas políticas avassaladoras perante mudanças estruturais na política, na economia, na cultura e na imprensa. Na política e na economia, o Brasil sustentava a ideia de JK, na ânsia por um país desenvolvido: a construção de Brasília e consequentemente uma nova capital brasileira e novas alianças com países desenvolvidos. Na música, a Bossa Nova transformava o jazz – ritmo difundido da costa leste a oeste Norte-Americana – em ritmo brasileiro, regido por poetas populares brasileiros como Vinícius de Moraes e Tom Jobim, que fundiam música e poesia somando uma das mais importantes influências para a identidade da cultura brasileira. No cinema, o Cinema Novo surgiu apontando o descontentamento dos cineastas com o cinema brasileiro, estes que estavam decididos a criar um

¹ “A Europa se autodenominava ‘moderna’ e nomeava os não-Europeus de ‘tradicionais’, ‘estáticos’ e ‘pré-históricos’. A imposição do modelo Europeu para grandes mudanças das sociedades não-europeias tornou-se a ferramenta principal para que estas fossem renegadas a qualquer dinamismo ou capacidade de desenvolvimento.” (minha tradução).

cinema mais real e mais cosmopolita. O movimento do Cinema Novo, dentre vários cineastas, foi encabeçado por nomes como Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha. Este último, muito questionou a posição da cultura como forma de revolução dentro da nação, como em seu ensaio *Eyzenstein e a Revolução Soviética*, quando pergunta:

Qual é a cultura da revolução? A incultura subversiva popular ou a cultura subversiva dos intelectuais? (...) Quem são os intelectuais: operários da cultura? Produtores de cultura revolucionária que é a cultura desejada pela incultura subversiva popular? (ROCHA, Glauber, 2006, p. 161-162).

O ser subversivo do qual Glauber Rocha cita em seu ensaio, no qual está ligado à revolução cultural da nação, serve de indagação primária também para os editores da revista *Senhor* e seu criador Nahum Sirostky² que, não optando pelo público leitor popular, referem-se diretamente aos intelectuais e suas respectivas culturas subversivas – não necessariamente aos ‘produtores’ desta cultura, mas aos intelectuais consumidores de tal.

O hibridismo apresentado na revista *Senhor* com características da indústria cultural e da indústria editorial mostra

² Nahum Sirostky também ex-editor da revista *Manchete* e da revista *Visão*

como o periódico foi pioneiro e vanguardista no fim da década de cinquenta no Brasil. Apesar de ser um meio de comunicação de massa, o leitor ideal da revista era o homem brasileiro morador de centros urbanos, com alto poder aquisitivo e intelectual. Assim, com o valor de cada edição da revista *Senhor* acima do padrão da época, havia certa seleção dos leitores já pelo poder aquisitivo. Ainda, o nome da revista também selecionava por gênero seus leitores. Não que não houvesse leitoras da revista, muito pelo contrário, há ensaios em algumas edições destinadas exclusivamente às mulheres, porém a revista é dedicada aos interesses e questões masculinas.

A revista *Senhor*, portanto, tendo um ideal de leitor caracteriza-se como uma revista para o gênero masculino desde suas notas informativas na seção “Sr. & Cia.”, passando pelos ensaios sobre bebidas, viagens, economia e política aos contos e novelas inéditos, que eram publicados mensalmente no periódico. A literatura apresentada pela revista *Senhor*, é – em sua grande maioria - de autoria de escritores homens, sem restrição quanto à nacionalidade. Tal informação é relevante visto que os escritores publicados (dentre eles Thomas Mann, Kafka, Jorge Amado e Mário de Andrade) não têm parentesco de escolas literárias ou de época, o que os une é, definitivamente, o caráter de serem senhores. É neste contexto

editorial que Clarice Lispector participa, à primeira vista, da revista *Senhor* como uma estranha no ninho. No fim da década de 50 e início da década de 60, Clarice Lispector estava no início de sua carreira literária já muito promissora e havia publicado apenas três romances: *Perto do Coração Selvagem* (1943), *O Lustre* (1946) e *A Cidade Sitiada* (1949). Seus contos até então, estavam para ser publicados sob o cuidado de José Simeão Leal, da editora do Ministério da Educação, mas estava com dificuldades de comunicação com tal editor-chefe e a demora pela publicação de seu livro de contos – que viria a ser *Laços de Família* (1960) - a fez recorrer aos periódicos, dentre eles a revista *Senhor*, como explica em carta à sua cunhada Eliane Gurgel Valente:

Washington, 11 março de 1959

Eliane, meu bem,

Por favor se encarregue, se não for trabalho demais, de dar *pessoalmente* essa carta a Simeão Leal. Espero que o conteúdo da carta seja convincente bastante – e que, enfim eu possa dispor dos contos. Veja se ele escreve, na sua frente, um bilhete para mim, dizendo que os contos são meus. *E que ele dê a você o bilhete, que você mesma me mandaria.* (Pois ele esquecerá de dar ordem à secretária, e ficarei sem um documento). Eu não gostaria que ele ficasse zangado comigo, gosto bastante dele. Mas tenho que cuidar dos meus interesses. [...]. Um grande abraço para Mozart. Um beijo para Marilu. Sua, Clarice.

Você leu meu conto publicado na revista SR?
(Este não fazia parte do livro de contos).
(LISPECTOR, Clarice. 2002)

Ainda em outras cartas enviadas à Eliane, Clarice alega explicitamente que, a publicação de seus contos em periódicos³, até então inéditos, se daria para conseguir dinheiro extra, já que seu livro estava demorando a ser publicado e que devia cuidar de “seus interesses”.

Clarice Lispector, após sua primeira publicação na revista *Senhor*, em março de 1959, adentra na seção de literatura como a primeira – e única – escritora. De qualquer forma, há de se destacar que apesar da questão de gênero apresentada pela revista, Clarice Lispector não buscava demonstrar em seus contos, imagens que quisessem impor uma posição feminina perante os homens, a posição da mulher na sociedade não é um critério fundamental na literatura de Clarice. Apesar de suas personagens femininas marcantes, em sua literatura Clarice não aponta uma crítica feminista ou de gênero, a tematização se dá muito mais em torno do fluxo de consciência dessas personagens e não por suas posições como mulheres, mas como seres humanos independentemente do gênero. Em suas

³ Entre 1959-1960, Clarice Lispector publica seus contos não apenas na revista *Senhor*, mas em jornais como *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*.

correspondências, ao comentar suas publicações na revista *Senhor*, nunca teceu nenhum comentário em relação à publicação de seus contos numa revista masculina.

Mais tarde, em 1962, Clarice Lispector ganha espaço na revista e se torna a primeira colaboradora mulher do periódico com a coluna "Children's Corner", da seção "Sr. & Cia.", onde publica contos e crônicas. Vale lembrar que a seção “Sr. & Cia” é uma das seções mais ambíguas da revista, onde a ironia e a veracidade se homogeneízam e confundem o leitor.⁴

O que se pode apontar é que mesmo com o caráter masculino que a revista *Senhor* apresentava em suas edições, Clarice Lispector se encaixava no padrão literário do periódico. Dentre algumas características das narrativas de Clarice, o cosmopolitismo das narrativas chama atenção, se aproximando do fluxo de consciência e deixando de lado as questões “da mulher” para interpor em questões existenciais – vinculadas ao gênero ou não. A questão de gênero não é obrigatoriedade nem é indispensável em Clarice. Neste sentido, pode-se contestar a

⁴ Apesar da informação, as edições de 1962 não fazem parte desta pesquisa, portanto não faço uma análise mais profunda da coluna de Clarice Lispector na revista *Senhor*. Este dado serve apenas, nesta pesquisa, como suporte de argumento em relação à importância da literatura de Clarice no periódico em estudo.

idéia de que era uma “estranha no ninho” como colaboradora da revista. Clarice Lispector é vista pela revista *Senhor*, antes de tudo, como produtora de narrativas antes de ser considerada mulher escritora. Esse universalismo e a desqualificação da questão de gênero são únicos na revista, que aborda em artigos, ensaios, charges, notas e em ensaios fotográficos questões sexistas sobre relacionamento entre homem e mulher de forma muito irônica e sarcástica.

De qualquer forma, para além das questões de gênero que a revista *Senhor* pode levantar, as características pré-estabelecidas iam aos poucos caracterizando o leitor ideal do periódico que, paradoxalmente com a cultura de massa, exigia dele um alto poder aquisitivo e intelectual. Ao mesmo tempo em que a cultura era diferenciada por cultura de massa e cultura superior⁵, ela também servia como produto fazendo um elo entre a indústria cultural e a indústria editorial. Quanto à indústria cultural, no sentido de que a revista *Senhor* se diferenciava de outros periódicos justamente por não fazer parte – ou pelo

⁵ Termos utilizados em: COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

menos por tentar não fazer – desta indústria, pode-se pensar que

Neste quadro, também a cultura – feita em série, industrialmente, para o grande número – passa a ser vista não como instrumento de crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa.
(COELHO, Teixeira, 1983, p. 11)

O texto citado acima de Teixeira Coelho segue os pressupostos adornianos que define essa indústria cultural força da cultura de massa, aonde a produção é nada mais além do que negócio, desvinculando-se da necessidade de se tornar Arte. Fugindo dessa indústria cultural que favorecia a produção em série para a massa, Nahum Sirotsky tinha a idéia de fazer uma revista que não apenas servisse como material jornalístico-cultural, mas também que fizesse parte desta explosão cultural brasileira e fosse entendida como obra de arte (BASSO, 2006). A revista tinha todo um cuidado gráfico desde seu tamanho e formato até as ilustrações que acompanhavam os textos literários e ensaios. A impressão que o leitor tem ao ler a revista é de que está lendo uma revista que preza pela arte, que tem o cuidado de apresentar o que de melhor há em relação à cultura.

É perceptível então, a idéia de que a revista *Senhor* tenha sido uma revista de vanguarda, pois o próprio editor-chefe, Sirotsky, estipulou a interação entre revista e mercado em um período de efervescência cultural suscetível à construção de novos padrões de revistas conceituais. Sendo assim, permito-me fazer uma analogia entre a revista *Senhor* e a revista *Kosmos*⁶, onde ambas tinham a mesma postura mercadológica e diferenciada em relação aos periódicos de suas determinadas gerações. A revista *Kosmos* tinha uma proposta europeizada tanto para seu conteúdo quanto para o seu formato, diferenciando-se como uma revista para a elite e que prezava pela arte e pela qualidade de suas edições. Ainda, o periódico do início do século XX, assim como a revista *Senhor*, também tinha um preço mais elevado em relação aos periódicos da época, definindo ainda mais seu público leitor. Como estes periódicos são marcados por uma diferença de época de aproximadamente cinqüenta anos, é relevante afirmar que – apesar dessa diferença – ambas as revistas se firmaram com tal proposta muito por conta do local onde tinham sua sede: a cidade do Rio de Janeiro. No início do século, a capital do Brasil

⁶ A revista *Kosmos* circulou entre 1904 e 1909 e tinha sua sede editorial também na cidade do Rio de Janeiro.

passava por um processo de modernização, e a avenida principal – palco das grandes arquiteturas da cidade como o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional e o Museu de Belas Artes – passa a se acostumar com não apenas o trânsito de pessoas, mas também com o trânsito de automóveis. Já na no fim da década de cinqüenta, a modernização ia de contramão à cidade do Rio de Janeiro, que estava se acostumando a não ser a capital brasileira, mas mesmo assim, ainda sendo o maior centro cultural do país.

Desta forma, partindo de um pressuposto acrítico de uma sociedade de mercado, de uma sociedade moderna de massa, aonde a impessoalidade, a heterogeneidade não organizada das sociedades resultou na denominação da, já citada neste, cultura de massa, nem a revista *Kosmos* nem a revista *Senhor* participavam – ou queriam participar – dessa produção que é negócio e que se basta como um produto heterogêneo à arte.

Há, então, uma mudança qualitativa quanto às relações sócio-culturais mais antigas, mesmo dentro das anteriores fases de mercado. Pois a origem efetiva (ainda que por certo nunca a absoluta) da produção cultural está, agora, essencialmente situada dentro do mercado empresarial. (WILLIAMS, Raymond, 1992, p. 17)

Dentro desta idéia de mercado e produção cultural que Williams traz em *Cultura*, a revista *Senhor* acatou a mudança de levar ao seu específico público, a idéia de homem intelectual. Em si, a revista traz o conceito de cultura, estigmatizado em suas páginas figuradas por literatura, artes, design e política, seja ele por contos, charges, notas, ilustrações ou ensaios fotográficos.

Sendo assim, pode-se dizer que a revista *Senhor* - ao longo de suas edições - teve maior incidência de artigos e reportagens em três grandes áreas: cultura, política e economia. Dentro destas três áreas que a revista aborda, o ponto a que os une é o da reconstrução, da recriação, da modernização, da virada de página da cultura nacional, em toda a amplitude que o termo trás a tona: sociedade, economia e civilização.

[...] a partir de Rousseau e até o movimento romântico, foi a base de um importante sentido alternativo de cultura – como um processo de desenvolvimento “íntimo”, distinto do desenvolvimento “externo”. O efeito primário dessa alternativa foi associar cultura com religião, arte, família e vida pessoal, em distinção, ou mesmo oposição, a “civilização” e “sociedade” em seu novo sentido abstrato e geral. Foi a partir desse sentido, embora nem sempre com todas as suas implicações, que “cultura” como processo geral de desenvolvimento “íntimo” se ampliou e passou a incluir um sentido descritivo dos meios e obras

desse desenvolvimento: isto é, “cultura” como uma classificação geral “das artes”, religião e instituições e práticas e significados e valores. (WILLIAMS, Raymond 1979, p. 20)

Portanto, é com tal definição de cultura estabelecida por Williams, que o termo se torna uma forma de desenvolvimento íntimo, que a cultura é convocada através de vários tipos de expressões artístico-culturais na revista *Senhor*. Assim, o periódico é dividido em algumas seções que figuram constantemente nas edições estudadas nesta pesquisa, dentre elas a Sr. & Cia., Sr. na Tecnologia, Sr. na Política – que são compostas de pequenas notas informativas que deixam o leitor à margem entre realidade e ficção, por comentários muitas vezes irônicos e sem muita proximidade histórico-contextual. Nestas seções, principalmente na Sr. & Cia. e Sr. & Tecnologia não há assinatura quanto ao autor do texto, portanto a veracidade das informações postadas nas páginas da revista ficam a mercê do que o leitor pode interpretar. Assim como Barthes explicita em seu texto *A morte do autor*, a escritura começa a partir da morte do autor, quando este, se desliga do texto e perde a sua voz. Por essa fundição entre literatura e jornalismo – pelo incerto e pelo duvidoso que o jornalismo da revista se torna, muitas vezes, mais literário do que documentário. É a revista *Senhor*

em sua afirmando em suas páginas a proposta de Sirotsky sobre cultura e arte, a fundição do jornalístico com o fictício, tornando o periódico não apenas como um documento para exposição da produção artística, porém se afirmando como parte desta.

Ainda, a revista é composta por inúmeras charges de autoria quase exclusiva de Jaguar e Glauco Rodrigues, e ensaios fotográficos de jovens senhoras que permeiam do ortodoxo ao até ousado. Os ensaios relacionados à política e economia são freqüentes e recorrem ao contexto pós-guerra e pré-golpe, o que enriquece o conteúdo das páginas fortemente influenciadas por uma época em que o acontecido se fundia com o acontecer.

Concluindo, a revista *Senhor*, apesar de pouco tempo no mercado, foi de suma importância para a fase em que o país vivia na década de cinquenta: a construção de uma identidade nacional, de um brasileiro - que podia não atingir a massa - mas que dava suporte ao homem da cidade em relação a assuntos como cultura, política, economia, artes e variedades, atingindo um público específico: o senhor cosmopolita que ao mesmo tempo fazia parte de uma cultura efervescente da sociedade de mercado, que desvirtuava o padrão de produção editorial e indústria cultural.

Ainda, em relação à produção literária dentro da revista *Senhor* pode-se concluir que a literatura de Clarice Lispector é uma das vozes mais freqüentes e importantes para o padrão de conceitos e de crítica da revista - antes de qualquer questão de gênero. A questão de gênero, nas páginas do periódico, não se apresenta anterior à literatura, não é mais importante do que a literatura feita. A ironia está justamente em ser uma revista dedicada aos interesses masculinos que, na literatura, tem seu maior escritor uma mulher.

Neste sentido, o ser mulher está escondido por detrás de uma literatura em primeiro plano que envolve o leitor, e que não o deixa intervir com dualismos sexistas. É por essa e outras que concluo que Clarice Lispector não só foi apta a publicar na revista *Senhor* – uma revista tendo, primeiramente, o homem como leitor ideal - como está sendo publicada e estudada até hoje fazendo parte do cânone dos grandes escritores da literatura nacional, incluindo mulheres escritoras ou não.

Desta forma, as edições da revista *Senhor* lidas, analisadas, indexadas e apresentadas durante os dozes meses entre 2008 e 2009, nesta pesquisa orientada pela professora doutora Maria Lucia de Barros Camargo, me fizeram concluir que o periodismo literário-cultural é de suma importância para o estudo não só de estudos culturais, mas como para o estudo da

teoria literária e para a contextualização de uma época e de um povo. Sendo assim, esta pesquisa me permitiu fazer uma conexão entre a contextualização de um Brasil eufórico por uma modernização de um país, e a necessidade de um culto à arte e a valorização da cultura num Brasil que se deslocava sua capital para o interior, mas que cultuava a idéia do senhor cosmopolita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASHCROFT, Bill. GRIFFITHS, Gareth. TIFFIN, Helen. *Post-Colonial Studies: The key concepts*. London and New York: Routledge, 2007.

BARTHES, Roland. *O Rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BASSO, Eliane Fátima Corti. *Revista Senhor: Jornalismo Cultural na imprensa brasileira*. IN: *Uni Revista vol. 1. n. 3*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DIMAS, Antonio. *Tempos Eufóricos: Uma análise da Revista Kosmos 1904-1909*. São Paulo: Ática, 1983.

LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura*. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROCHA, Glauber. *Eyzenstein e a Revolução Soviética*. IN: *O Século do Cinema*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

SENHOR. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1959, 6.

SENHOR. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1959, 7.

SENHOR. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1959, 8.

SENHOR. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1959, 9.

SENHOR. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1959, 10.

SENHOR. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1960, 11.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.